

# Ceticismo, Causalidade e Patologias da Cognição Dogmática : Comentários aos Oito Modos de Enesidemo

Renato Lessa<sup>1</sup>

## 1. Abertura

Os antigos cétricos — tal como registrou Sexto Empírico, no século II AD — eram movidos por uma particular disposição filantrópica. Por amor à humanidade, uma de suas principais metas foi a de submeter os dogmáticos, tanto quanto possível, a uma terapia capaz de curá-los de suas pretensões apofânticas. Com essa disposição, o cétricos desenvolveram uma vasta série de argumentos devastadores, tendo como alvo privilegiado proposições movidas pela finalidade de revelar a real natureza das coisas. A maior parte dos argumentos que compõem a bateria cética, mais uma vez de acordo com o registro de Sexto Empírico, foi organizada em alguns conjuntos, os chamados *Tropoi*. Os *Tropoi* — os Modos — são padrões de argumentação cujo resultado é o de indicar o caráter arbitrário e, portanto, de impossível fundamentação universal, dos enunciados dogmáticos. Os principais *Tropoi* do ceticismo são os seguintes : Os Dez Modos da Suspensão do Juízo, os Oito Modos da Causalidade — ambos de autoria de Enesidemo — e os Cinco Modos de Agripa. O segundo desses conjuntos será o objeto desta reflexão.

Os mais célebres dos conjuntos são os dez Modos de Enesidemo, que podem ser considerados como um conjunto de prescrições pragmáticas, orientado para uma finalidade evidente<sup>2</sup>. Trata-se de demonstrar as condições inevitáveis de equípolência que devem sustentar uma atitude

1 Cientista político : Professor, Pesquisador e Diretor de Ensino do IUPERJ e Professor Adjunto do Departamento de Ciência política da UFF.

2 Para um tratamento recente desses Modos ver Julia Annas & Jonathan Barnes. *The Modes of Scepticism : Ancient texts and Modern Interpretations*. Cambridge : Cambridge University Press, 1985 e Gisela Striker. « The Ten Tropes of Aenesidemus ». In : Myles Burnyeat (Ed.). *The Skeptical Tradition*, Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1983, p. 95-116.

*efética*, ou de suspensão do juízo. Tal atitude, embora resulte de uma disposição cognitiva — alguns dirão *não-cognitiva* —, segrega efeitos existenciais mais amplos : a obtenção de um estado que, para os céticos, é condição necessária para a felicidade : a *ataraxia*. Embora destoante do quadro mais abrangente das filosofias helenísticas, o ceticismo dos Dez Modos não lhe é inteiramente estranho. De alguma forma, os céticos também opinam a respeito da felicidade.<sup>3</sup>

Comparados aos Dez Modos, os Oito Modos de Enesidemo apresentam uma fisionomia mais belicosa. Trata-se, na verdade, de uma bateria erística erguida contra pretensões dogmáticas de sustentar causalidades ou etiologias. O potencial de conflito por ela estabelecido demonstra a obtenção de quietude dificilmente pode ser representada como uma trajetória pacífica. A disposição *erística* dos Oito Modos foi expressamente manifesta por Sexto Empírico :

Just as we teach the traditional Modes leading to suspense of judgement, so likewise some Sceptics propound Modes by which we express doubt about the particular « astiologies », or theories of causation, and thus pull up the Dogmatists because of the special pride they take in these theories.<sup>4</sup>

A apresentação desse conjunto de Modos, que graças a Sexto Empírico sabemos ter sido formulado por Enesidemo, deve ser precedida de algumas referências :

1. A crítica cética à idéia de causalidade, embora disseminada em todos os textos remanescentes, concentra-se de modo mais consistente em três momentos da obra de Sexto Empírico<sup>5</sup>. No primeiro deles, que considerarei a seguir, são apresentados os Oito Modos *etiológicos*. No segundo, ainda nas *Hypotiposes* (III, 13-29), há um típico exercício pirrônico a respeito da idéia de causas. Diante da dúvida sobre sua existência ou não-existência, as causas são submetidas à equípólencia : há tanto razões plausíveis para declará-las reais, quanto para bani-las em direção ao não-existente. Portanto, face à dúvida deflagradora, a suspensão do juízo aparece como conduta mais adequada. A terceira menção sistemática ao problema da causalidade aparece no *Adversus Mathematicus* (IX,

3 É possível refutar a isso sustentando que os céticos possuem tão somente algo que poderia ser designado como uma teoria negativa da felicidade. Em outras palavras, a sua preocupação teria sido simplesmente a de evitar as condutas cognitivas características das patologias dogmáticas. Dessa forma, não operam no sistema dos céticos, prescrições positivas a respeito de que valores substantivos definem um estado de felicidade. Trata-se, portanto, de uma felicidade garantida pela ausência de dogmas.

4 Cf. Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism*, I, 180. In : *Sextus Empiricus*, Ed. R.G. Bury. Cambridge/London : Harvard University Press/William Heinemann, 1976, Vol. I. Nesse ensaio optei por manter a tradução original de R. G. Bury.

5 Para uma análise da postura dos céticos diante da idéia de causalidade, ver o excelente texto de Jonathan Barnes, « Ancient Skepticism and Causation ». In : Miles Burnyeat (Ed.). *The Skeptical Tradition*, p. 159-203. Igualmente útil é o ensaio de Michael Frede, « The original Notion of Cause ». In : Malcolm Schofield et alli (eds.). *Doubt and Dogmatism*, pp. 217-249.

195-358). Embora mais extensa, ela não difere dos termos utilizados na passagem que acabei de mencionar. Trata-se de um exercício de criticismo exaustivo a respeito da causalidade, que acaba sugerindo ao cético a mais completa *epoché* diante da disputa entre proposições causais conflitantes.

2. Embora nas duas últimas passagens acima referidas a crítica da causalidade tenha aparecido como geral e devastadora, é possível estabelecer uma importante distinção. Há dois padrões de causalidade que parecem ter sido considerados pelos cétricos. O primeiro, associado à conduta cognitiva dos dogmáticos, tinha por principal característica o estabelecimento de conexões causais que partiam de domínios não-evidentes para fenômenos aparentes. Os exemplos mais evidentes dessa etiologia dogmática, segundo a percepção dos cétricos, não teriam se limitado à filosofia pura. A atividade filosófica implícita praticada pelos médicos lógicos forneceu também um importante alvo à bateria cética, já que suas diagnoses primavam por associar os sintomas aparentes a causas não-observáveis<sup>6</sup>. Qualquer que tenha sido o domínio especulativo posto sob o escrutínio cético, é importante considerar que os modelos causais de corte dogmático — i.e., que procedem do não-evidente para o mundo fenomênico — parecem, a olhos pirrônicos, indignos de assentimento. No entanto, essa belicosidade para com etiologias dogmáticas, não tem por objetivo banir as causalidades atestadas pela vida ordinária. Tanto no plano da linguagem como no da cognição dos fenômenos, o conhecimento ordinário estabelece conexões entre diversas dimensões do mundo fenomênico<sup>7</sup>. Essa forma de associação, entre dimensões evidentes ou publicamente atestáveis, parece ter ficado a salvo da aversão cética a padrões etiológicos de feição esotérica. Portanto, a modelos causais dogmáticos é possível contrapor um padrão causal ordinário. Em termos substantivos, teríamos um procedimento que associa coisas não-evidentes a fenômenos e outro que estabelece conexões interfenomênicas. O fato da vida ordinária eventualmente abrigar enunciados que pratiquem o primeiro desses procedimentos, indicaria tão somente a possibilidade de contaminação do conhecimento comum por emanções da patologia dogmática.

Essas referências são suficientes para circunscrever de modo genérico a conduta dos cétricos diante dos enunciados causais com fundamento ontológico-

6 Cf. Jonathan Barnes. « Ancient Skepticism and Causation ». In : Miles Burnyeat (Ed.). *The Skeptical Tradition*, pp. 151-153.

7 Emile Bréhier, em artigo publicado originalmente em 1918, é ainda mais incisivo na postulação da existência de uma etiologia que não violava as restrições impostas pelos cétricos. Para ele os Oito Tropos de Enesidemo não se dirigem à investigação a respeito das causas, mas apenas ao abuso do princípio da indução praticado pelos dogmáticos. Cf. Emile Bréhier. « Pour l'Histoire du Scepticisme Ancien : les Tropes d'Enesideme contre la Logique Inductive ». In : Emile Bréhier. *Études de Philosophie Ancienne*. Paris. Presses Universitaires de France, 1955, p. 185-192.

co<sup>8</sup>. Dessa forma, procederei à apresentação dos Oito Modos de Enesidemo. Ao contrário dos Dez Modos, os argumentos que compõem esse novo conjunto não possuem rótulos sintéticos. Enquanto o primeiro conjunto possui rótulos canônicos — *e.g.*, Modos das Circunstâncias, da relatividade, das Diferenças entre os Animais, *etc* — enunciar os Modos da Causalidade, Sexto Empírico optou por forma de maior extensão. Sua finalidade foi a de descrever condutas dogmáticas que prescrevem relações de causalidade. Nessa descrição de procedimentos, Sexto acreditava residirem as razões suficientes e necessárias para a suspensão do juízo diante de etiologias dogmáticas.

Diante dessa atitude narrativa, minha estratégia de exposição será dupla. Por um lado reproduzirei o enunciado original das descrições de Sexto Empírico, obedecendo a forma tradicional de apresentação dos Oito Modos. Por outro, procurarei reduzir o enunciado de cada Modo à operação de um princípio, cuja formalização creio ser criteriosamente arbitrária. A suposição que fundamenta essa estratégia é a de que *em cada descrição de procedimentos causais dogmáticos opera um princípio epistemológico que caracteriza a conduta dos céticos diante dos enigmas da causalidade*. Minha finalidade básica é a de sugerir a presença de uma concepção positiva dos céticos diante da causalidade, fundamental para a sua representação da vida social<sup>9</sup>. Os Modos, portanto, serão apresentados como ilustrações desses princípios, imediatamente sucedidas do enunciado original de Sexto Empírico.

## 2. Os modos e seus princípios

### (1) Princípio da não-confirmação

*...since aetiology as a whole deals with the non-apparent, it is unconfirmed by any agreed evidence derived from appearances*<sup>10</sup>.

Por esse princípio, aprendemos que explicações causais com base em dimensões não-arentes — *e.g.* os átomos de Demócrito, o vazio ou a dialética — não podem ser confirmadas pelos fenômenos. A ênfase da descrição de Sexto diz respeito à impossibilidade de uma evidência publicamente atestada. Dessa forma, a causalidade mencionada pelo

8 O tratamento cético dos enunciados causais com fundamento lógico foi sistematizado por Sexto Empírico no *Adversus Mathematicus*, livro VIII. Na edição por mim adotada, a tradução de R.G. Bury, a referência é: *Against the Logicians*, livro II.

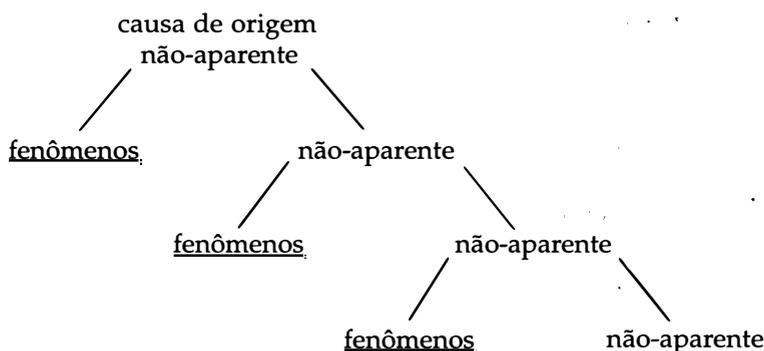
9 Para uma descrição do que poderia ser concebido como um mundo possível pirrônico — ou uma representação cética da vida social, não limitada à refutação de proposições dogmáticas — ver Renato Lessa. « Vox Sextus : Dimensões da Sociabilidade em um Mundo Possível Cético ». In : DADOS, Vol. 36. #1. 1993, pp. 5-36.

10 Cf. Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism*, I, 181.

princípio tem como fundamento suposições sobre o comportamento essencial do mundo que, na melhor das hipóteses, preencheria o status de uma verdade puramente doméstica ou privada. A confirmação das causalidades sustentadas por essas verdades privadas só é possível em um sistema de referência que exige a própria confirmação dogmática como um exercício ficcional, dotado, porém, de pretensões miméticas. Assim, à dimensão fenomênica, Sexto acrescenta uma importante característica : seus eventos podem ser publicamente atestados. Dessa forma, causalidades que se limitem ao mundo das aparências podem encontrar confirmação em *agreed evidences*. O primeiro princípio autoriza, pois, o enunciado de dois corolários :

(1.a) *Qualquer referência a coisas não-arentes só pode buscar confirmação em coisas igualmente não-arentes.*

Segundo o corolário, a tentativa de fundamentar causas originadas em dimensões não-evidentes (ou não-arentes) poderia ser representada pelo seguinte diagrama<sup>11</sup> :



A figura sugere um movimento de regressão ao infinito, na verdade um dos padrões de argumentação predileto dos cétricos. A cada patamar de confirmação impõe-se a exigência de uma confirmação subsequente. O caráter cada vez mais privado dessa regressão caracteriza o que poderia ser designado como sendo a *idiotia da confirmação dogmática*. Diante da interdição à busca de apoio no mundo fenomênico, as etiologias dogmáticas acabariam por consumir-se em um mergulho esotérico na direção de causas cada vez menos evidentes e acessíveis ao conhecimento e experiência comuns.

11 As linhas diagonais indicam *busca de confirmação*, enquanto que as linhas duplas indicam *impossibilidade*.

O segundo corolário pode ser obtido com a simples inversão do Princípio da Não-Confirmação. O resultado indica uma possível teoria positiva dos céticos a respeito da causalidade :

(1.b) *Já que a etiologia lida com o mundo fenomênico, ela pode ser confirmada (ou refutada) por qualquer evidência derivada das aparências.*

## (2) Princípio da pluralidade causal, ou da monocausalidade arbitrária

*...often, when there is ample scope for ascribing the object of investigation to a variety of causes, some of them account for it in one way only<sup>12</sup>.*

O segundo princípio permite dois tipos de enunciado. O mais evidente assume a forma negativa : as etiologias dogmáticas são arbitrariamente monocausais. De acordo com hipótese mais generosa, os dogmáticos, vencidos pelo primeiro Modo, reconhecem a pluralidade das causas desde que lhes seja concedido o direito de ordená-las e hierarquizá-las : há uma espécie de vórtice causal, sustentado pela causa de todas as causas que, afinal, deve ser tomada como móvel eficiente de todos os desdobramentos futuros. Assim diante da assustadora pluralidade fenomênica, os dogmáticos — quer pela consideração compulsória da dimensão não-evidente, quer pelo hábito monista que elege um fenômeno em detrimento dos demais — optariam pela disciplina intelectual da monocausalidade.

O segundo enunciado do princípio — o da *possível multiplicidade das causas* — é abertamente positivo. Trata-se da representação do mundo fenomênico como universo no qual *é possível atribuir aos objetos sob investigação uma pluralidade de causas*. É importante notar que a menção à pluralidade não cumpre, nesse contexto, a função de constranger os sujeitos de conhecimento à suspensão do juízo. Não se trata, por exemplo, de declarar que o objeto *x* é passível de ser representado como derivado de múltiplas conexões causais, e de tomar essa circunstância como premissa maior de um raciocínio efético. Nesse argumento, a pluralidade não conduz à equípolência e, por extensão, à *epoché*. Ela é tomada como dimensão positiva que se opõe ao hábito dogmático de perceber o mundo como regulado por um padrão monocausal.

Na verdade, se a pluralidade causal fenomênica fosse assumida como índice de equípolência, os céticos acabariam imobilizados pela armadilha da peritrope, já que teriam que sustentar o seguinte enunciado :

12 Cf. Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism*, I, 181.

(2.a) *Se a pluralidade causal fenomênica configura uma situação de equipolência, é necessário suspender o juízo a respeito de que fenômeno pode ser tomado como causa de outros fenômenos.*

A perítrope seria inevitável, já que a suspensão do juízo exigida acaba por comprometer os céticos com um modelo etiológico de corte monocausal : dada a impossibilidade de estabelecer *uma* causa, interrompe-se o processo cognitivo. Dessa maneira, a radicalização do *princípio da equipolência* agrediria a integridade do *princípio da pluralidade causal*. A inexistência da perítrope, é do meu ponto de vista, uma das mais fortes evidências de que o mecanismo da *isosthenéia* não opera sobre os juízos fenomênicos da vida ordinária. Do contrário não haveria necessidade alguma em opor a possibilidade pluricausal à obsessão dogmática monocausal. A monocausalidade seria, então, uma das patologias suscitadas pela indecidibilidade provocada pela pluralidade de causas. O enunciado positivo do princípio, portanto, permite entrever o caráter plural e interativo da vida fenomênica. Nela, não são interditados jogos etiológicos que dispensem o mergulho esotérico denunciado pelo primeiro princípio. Assim, creio ser possível construir o seguinte corolário do Princípio da Monocausalidade/Multiplicidade :

(2.b) *Enunciado Fraco : Quando há ampla possibilidade de associar o objeto sob investigação a uma variedade de causas fenomênicas, a monocausalidade deve ser evitada.*

(2.b\*) *Enunciado Forte : A monocausalidade deve ser evitada, já que sempre é possível associar o objeto sob investigação a uma variedade de causas fenomênicas.*

### (3) Princípio da incompatibilidade formal

*...to orderly events they assign causes which exhibit no order<sup>13</sup>.*

O terceiro princípio parece incidir sobre uma dimensão estética. Trata-se de considerar a forma pela qual se revestem tanto a etiologia com fundamento em domínios não-evidentes quanto a monocausalidade. Segundo a descrição de Sexto Empírico há descontinuidade entre o aspecto ordenado dos eventos fenomênicos e os modos de concepção e de representação de suas pretensas causas. O alvo evidente do argumento é a fabulação atomista que pretendia explicar o curso ordenado dos eventos naturais pelo movimento desordenado e randômico dos átomos.

13 Cf. Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism*, I, 182.

O enunciado desse princípio é claramente acusatório. Não seria prudente, por meio de sua inversão, extrair qualquer corolário positivo. No limite é possível supor que, para os céticos, a ordenada rotina fenomênica está regulada por uma rede causal de fisionomia idêntica. Aparentemente não é admitida a hipótese de que uma configuração desordenada de eventos fenomênicos acabe gerando resultados estáveis. A possibilidade desse padrão paradoxal de associação entre dimensões fenomênicas será estabelecida de modo inovador no séc. XVI por Michel de Montaigne<sup>14</sup>. Por ora, e de acordo com o terceiro princípio, os céticos não imaginam outro cenário causal, além do que associa o não-aparente com os fenômenos e o que, em uma simetria clara, conecta fenômeno a fenômeno.

#### (4) Princípio da falácia analógica

*...when they have grasped the way in which appearances occur, they assume that they have also apprehend how non-apparent things occur, whereas, though the non-apparent may possibly be realized in a similar way to the appearances, possibly they may not be realized in a similar way but in a peculiar way of their own<sup>15</sup>.*

O quarto Modo, ou princípio, recupera um tradicional mote do pirronismo : o caráter indeterminado das coisas não-evidentes. Não se trata apenas de opor a forma pela qual as coisas evidentes se comportam à lógica das dimensões não-aparentes. Em termos rigorosos, a analogia é interdita não por qualquer incompatibilidade ontológica declarada entre os fenômenos e as coisas não-evidentes. Trata-se de uma incompatibilidade sobretudo lógica; *é impossível sustentar analogias entre dois universos, quando um deles é indeterminado.*

Dessa forma, ao propor uma analogia entre aqueles dois domínios, os dogmáticos produzem uma decisão a respeito do caráter objetivo e pré-representacional do mundo. Dada a impossibilidade de demonstrar o caráter necessário e incontroverso da analogia proposta, a etiologia em questão acaba por enriquecer o repertório de verdades privadas. A conduta cética, por outro lado, admite a possibilidade de analogia entre os dois domínios. Mas reconhece ao mesmo tempo a igual possibilidade de não-analogia. O princípio, portanto, sugere uma dupla interdição : a da analogia propriamente dita

14 Analisei o tratamento de Montaigne ao problema das causas, e suas simplificações para uma representação cética da vida social, em Renato Lessa, « O Veneno Pirrônico : Ceticismo, Desconstrução Filosófica e Imagem de Mundo Social ». In : ARCHE, n° 5, 1993, pp.37-60.

15 Cf. Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism*, I, 182.

e a da possibilidade de decidir a respeito da real constituição das coisas não-aparentes.

Trata-se pois de um argumento que, em termos rigorosos, não pode ser tomado como estritamente etiológico. Mais do que causalidades, as analogias é que são postas sob suspeita. Com essa arguição de inconsistência, o quarto Modo coloca em ação outro tema caro aos antigos céticos: a crítica da teoria dos *signos*, por eles imputada aos filósofos dogmáticos<sup>16</sup>. Esses, independentemente de escolas particulares, assumiram que determinados fenômenos visíveis (ou enunciados) indicam a presença necessária de fatores não-observados (ou de outros enunciados). Nesse sentido, o movimento seria um signo do vazio, para utilizar o exemplo atomista. Pela interdição da analogia, qualquer signo, definido nesses termos, é declarado uma fantasia arbitrária da razão dogmática. O conteúdo positivo do quarto Modo, portanto, é a reinteração do preceito metodológico que estabelece que o modo de ocorrência dos fenômenos é uma questão restrita ao domínio das aparências.

### (5) Princípio da idiosincrasia

*...pratically all these theorists assign causes according to their own particular hypotheses about the elements, and not according to any comonly agreed methods<sup>17</sup>.*

O quinto princípio descreve o que sucede aos filósofos que optaram por dotar de fisionomia positiva aquilo que é indeterminado. Na ausência de método de investigação publicamente sustentado, a atribuição de propriedades reais ao mundo objetivo é, tão somente, uma ação idiosincrática.

O Modo, portanto, assinala diferentes problemas: (i) o já mencionado caráter idiosincrático da atribuição de causas; (ii) o peso das circunstâncias que afetam o sujeito na definição de hipótese e (iii) uma antecipação do Modo agripeano das Hipóteses.

Na associação feita entre *atribuição de causas* e *ação de hipóteses particulares* é possível detectar a presença de um dos Dez Modos de Enesidemo. Trata-se do quarto Modo, a respeito das Circunstâncias, definidor dos limites que, de modo compulsório e a um só tempo, restringem e tornam possível a cognição humana. O enunciado forte desse Modo estabelece que toda e qualquer ação cognitiva humana tem como condição necessária o invólucro de circunstâncias. A universalidade da definição não reconhece distinções entre o conhecimento ordinário e a patologia cognitiva dos dogmáticos. Nem mesmo aos céticos é concedida a possibilidade de suspender as circunstâncias: ao

16 Cf. Sexto Empírico. *Against the Logicians*, II (*Adversus Mathematicus*, VIII), 141-144.

17 Cf. Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism*, I, 182.

contrário, elas são exigidas como condição necessária de sustentação da consistência da escolha efética. No entanto, se são claras as circunstâncias que emolduram o conhecimento ordinário — definidas detalhadamente pelo quarto dos Dez Modos de Enesidemo —, o que dizer da cognição praticada pelos dogmáticos ?

Uma indicação para uma virtual resposta pode ser encontrada na seguinte passagem do *Adversus Mathematicus*, dedicada à discussão a respeito da verdade :

For Aenesidemus says that there is a difference in things apparent, and asserts that some of them appear to all men in common, others to one person separately, and of these such as appear to all in common are true, and the other sort false; whence also that which does not escape the common knowledge is by derivation « true »<sup>18</sup>.

Os dogmáticos, portanto, se caracterizam por recusar o invólucro das circunstâncias ordinárias — o domínio das coisas que aparecem publicamente a todos os homens. No entanto, ao fazê-lo não inauguram um mecanismo cognitivo metacircunstancial. Ao contrário, a estratégia dogmática, tipicamente *idiótica*, define de forma automática suas próprias circunstâncias. Em se tratando de dogmáticos, a forma dessa circunstância é dada pelo papel das hipóteses. Esse ponto é crucial : se as hipóteses representam para o dogmático o seu constrangimento irreconstruível, os seus enunciados *qua* hipóteses só podem ser revelados pela inquirição cética. Dos dogmáticos seria difícil obter a concessão de considerar proposições seguras e assertórias como meros exercícios hipotéticos. O Princípio da Idiossincrasia revela, assim, sua faceta cruel : os constrangimentos da cognição dogmática definem um cenário de radical solidão.

É possível, ainda, reconhecer no Princípio em questão uma antecipação (ou um eco) do argumento de Agripa a respeito do raciocínio hipotético. No contexto do antigo ceticismo, atribuir a qualquer enunciado um fundamento hipotético tem como corolário a sua desqualificação como guia cognitivo seguro. Se uma asserção tem base hipotética, os assuntos que ela procura iluminar encontrarão nos céticos uma atitude suspensiva. No entanto, é possível extrair do Princípio da Idiossincrasia uma prescrição positiva : a da necessidade de um *contrato epistemológico* capaz de definir regras de investigação publicamente reconhecidos<sup>19</sup>.

18 Cf. Sexto Empírico, *Against the Logicians*, II (*Adversus Mathematicus*, VIII), 8-9.

19 Uma vez admitida a possibilidade de obtenção dessas regras, é impossível limitar a emergência de meta-regras, de regras que dispõem sobre meta-regras, e assim por diante. Nessa fuga para adiante, cada salto tem como premissa a aceitação de uma pluralidade de regras nos domínios anteriormente percorridos. Nesse sentido não há relação necessária entre o caráter publicamente atestado das regras e sua possível homogeneidade.

### (6) Princípio da seletividade

*...they frequently admit only such facts as can be explained by their own theories, and dismiss facts which conflict therewith though possessing equal probability<sup>20</sup>.*

Enquanto o Princípio da Idiossincrasia descreveu a conduta de um autista cognitivo, o sexto Modo introduz uma dimensão malévola. Não se trata mais de autistas, mas de sujeitos que conscientemente desconsideram importantes dimensões do mundo fenomênico. A objeção, aqui, dirige-se menos à epistemologia do que ao domínio de uma ética do conhecimento. Os dogmáticos, além de esotéricos, monocausais e idiossincriticamente hipotéticos têm à sua disposição a possibilidade de adotar um comportamento seletivo na definição de evidências.

### (7) Princípio da inconsistência

*...they often assign causes which conflict not only with appearances but also with their own hypotheses<sup>21</sup>.*

Os alvos nobres do Princípio da Inconsistência parecem ter sido os dogmáticos rústicos e imperitos. O conflito estabelecido entre as causas e as aparências pode ser tomado como característica compulsória da etiologia dogmática. O mesmo não pode ser dito da contradição que se estabelece entre as causas imputadas e as premissas teóricas que sustentam tal imputação. Trata-se, nesse caso, de evidente imperícia na formulação de proposições causais. No limite, tal rusticidade intelectual implicaria a postulação de causas e de premissas que violam o princípio da contradição. Portanto, a moral positiva desse Princípio pode ser, simplesmente, a obediência de um antigo preceito peripatético.

### (8) Princípio da incerteza hiperbólica

*...when there is equal doubt about things seemingly apparent and things under investigation, they base their doctrine about things equally doubtful upon things equally doubtful<sup>22</sup>.*

O Princípio da Incerteza Hiperbólica pode ser tomado como paráfrase do Princípio da Não-Confirmação. Como vimos, diante da impossibilidade de

20 Cf. Sexto Empírico, *Outlines of Pyrrhonism*, I, 183.

21 *Idem, ibidem*, I, 184.

22 Cf. Sexto Empírico, *Outlines of Pyrrhonism*, I, 184.

validar, através dos fenômenos, proposições esotéricas, os dogmáticos acabam constrangidos a buscar confirmação em enunciados esotéricos subsequentes. O oitavo Modo, no entanto, apresenta uma faceta distinta do mesmo problema. O ponto de partida não é a pretensão de validar um juízo a respeito de coisas não-evidentes, mas a incerteza e a dúvida postas pela própria disposição do mundo fenomênico. Diante de dúvidas a respeito dos fenômenos sob investigação, os dogmáticos utilizariam o recurso da referência a domínios não-evidentes e elusivos. Do ponto de vista dos céticos, isso implica trocar o duvidoso pelo mais duvidoso. O Princípio autoriza, pois, um enunciado de sabor mandevilleano : *fenômenos duvidosos, dúvidas essenciais*.

### 3. Comentários finais

Os Oito Modos de Enesidemo a respeito da causalidade foram considerados por Charlotte Stough como um pequeno tratado de metodologia<sup>23</sup>. Essa ênfase destaca a faceta positiva dos argumentos céticos. Antes de se caracterizar como uma bateria argumentativa que exponencia a dimensão da ignorância, os Modos manifestariam um compromisso com um tipo de conhecimento. Tal afinidade poderia ser reconhecida em algumas prescrições formuladas com a finalidade de regular a aceitação de explicações causais : elas devem operar no domínio dos fenômenos, enquanto que os eventos fenomênicos só podem ser submetidos a conexões causais por referência a outros fenômenos observados. A prescrição maior da *pars construens* do ceticismo seria, simplesmente, a idéia de que uma proposição causal deve ser sustentada pela experiência. A partir da aceitação dessa premissa maior, seguem-se as recomendações :

- (i) Uma explicação causal deve refletir ou expor a ordem dos eventos fenomênicos que pretende explicar; e
- (ii) deve ser consistente, tanto com os fatos como para com as premissas adotadas pelo observador.

Por maior que tenha sido a tentativa de elaboração, por parte de Enesidemo, de uma *pars construens* do ceticismo, os Oito Tropos da Causalidade acabaram celebrizados graças a seu potencial de devastação das etiologias dogmáticas. No entanto, é importante registrar essa dimensão, já que o ceticismo revisitado no séc. XVI, por exemplo, procurará, além de duvidar das conexões causais afirmadas pela pluralidade dogmática então emergente, estabelecer padrões etiológicos aceitáveis.

A ênfase de Stough em uma possível *pars construens* do ceticismo de

23 Cf. Charlotte Stough, *Greek Scepticism*, pp. 100-103.

Enesidemo faz com que este se aproxime de uma posição epistemológica de fisionomia empirista. A seguir de modo pleno as indicações de Stough a esse respeito, os céticos poderiam ser vistos como nada mais do que prudentes empiristas; o ceticismo seria o *superego* epistemológico do empirismo. Creio que a ênfase poderia ser temperada se a idéia de experiência fosse submetida a um *ajuste fino*. Ao contrário dos empiristas, os céticos não representaram a experiência como uma interação circunscrita aos sentidos e aos objetos. Para eles, a experiência, ainda que dependente do uso dos sentidos, está subordinada à adoção de procedimentos que poderíamos designar como *métodos pactados*. Esse *pacto epistemológico*, dimensão eminentemente tácita do conhecimento ordinário que organiza as experiências cognitivas, se opõe, segundo os céticos, a padrões de experimentação designados como *idióticos*, i.e. regulados por métodos e procedimentos definidos de forma privada.<sup>24</sup> Portanto, a preferência cética por procedimentos experimentais não constitui uma exaltação da experiência *tout court*. Trata-se, antes disso de um elogio da experiência *mundana e compartilhada*.

24 Cf. Sexto Empírico, *Against the Logicians*, II (*Adversus Mathematicus*, VIII), 8-9.